ANO I — Lisboa, 1 de Fevereiro de 1933 — N.º 10

Academia Portuguesa

LITERATURA, INFORMAÇÃO E DEFESA DA ACADEMIA

Propriedade da «Academia Portuguesa» (Constituenda)

COLABORADORES

AGOSTINHO FORTES—Director da Faculdade de Letras
SERRAS PEREIRA—Professor do Liceu de Pedro Nunes
HORACIO BENTO GOUVEIA—Professor do Liceu de Alcobaça
ANTONIO MARIA LOPES—Professor e publicista
JOÃO DA SILVA CORREIA—Professor da Faculdade de Lisboa
JARDIM DE MONTE-SÃO— » » » » »
SANTOS PEREIRA—Professor do Liceu de Viseu
JOAQUIM S. JOCABETTY ROSA-Prof. da Escola Ferreira Borges

Faculdade de Lêtras de Lisboa

Tardes de Lêtras

Foi um verdadeiro acontecimento intelectual a tarde de letras, no passado dia 4 de janeiro, em que o distinto director da Faculdade e nosso muito querido colaborador Snr. Dr. Agostinho Fortes, fês a sua conferência.

Versando um têma sobremodo sujestivo «A civilização moderna como efeito do esforço consciente da gente portuguêsa do seculo XV»—éra de esperar que a Sala dos Actos se enchesse de espíritos ávidos de saber.

O distincto professor, sociologo ilustre, historiador competentissimo e orador com raras faculdades, provou-nos que as viagens dos portugueses não foram umas aventuras, nem obra de insensatos.

Elas pelo contrário obedeceram a um espírito de supremacia, a uma orientação consciente.

Depois revelou-nos o que elas trouxeram á Europa nos seus inúmeros aspectos.

Por fim a assistencia tributou ao ilustre Director uma salva de palmas, na qual ia todo o seu contentamento pela preleção cheia de entusiasmo e de valor.

Festas Escolares

Instituto Comercial de Lisboa

Uma comissão de alunos deste Instituto levou a efeito uma festa no salão da Illustração Portuguesa no dia 21 do mês passado que correu muitissimo animada,

«A Academia Portuguesa» agradece o amável convite que lhe foi feito.

:—:

Escola Comercial RODRIGUES SAMPAIO

Organizada pela «Caixa Escolar» levam a efeito os alunos desta Escola, uma festa de homenagem ao seu Corpo Docente, na noite de 11 do corrente.

A alusão da festa será feita por um aluno da Escola.

O ilustre professor Ex.mo Snr. Dr. Barbosa de Carvalho, foi convidado a fazer uma conferência. A eloquência da sua oratória é suficiente para o brilho desta festa.

Seguir-se-á baile animado por uma das melhores orquestras de Lisboa.

Os senhores jornalistas que se dignaram assistir, bastará apresentarem o seu cartão de Imprensa.

Propagai e defendei a Academia Portuguesa

O congresso academico

Está em vias de se tornar um facto o tão desejado Congresso Académico.

Idéa lançada pela «Academia Portuguesa» tem corrido alacre pelo país inteiro de norte a sul, nascente a poente, dos quatro cantos da nossa terra, têm vindo até á nossa redacção inumeras cartas e postais, felicitando-nos e incitando-nos a marchar.

E' a hora solene! E' a hora culminante!

Hoje, como nunca, temos uma necessidade imensa de pedirmos ustiça, o que nos é licito.

Reunir a Academia, juntar os novos que andam espalhados, auscultar as inteligências que se abrem para a vida cheias de sonho, de aspirações, de novos horizontes rasgados à custa do seu batalhar, é um ponto capital neste momento preciso em que tantas e tão boas coisas se podem fazer.

O nosso congresso cheio de ideal terá como inovação, como assunto palpitante, despertar aqueles que ainda dormem, e mostrar aos homens que, não acreditam na nossa tarefa, que trabalhamos incansavelmente, sôfregamenfe, cheios de vontade e ardor.

As teses a apresentar terão o condão de sêr o mais elevadas e completas a ajuizar pela fina flôr académica que lá se irá reünír.

A mocidade portuguesa vibra de entusiasmo ao sentir-se atrair pela atenção geral.

Os moços académicos estão sentindo quanto valôr tem a sua capa, a capa negra e velhinha que irão traçar quando imbuídos no seu papel de homens que pensam, discursam para a multidão, falam para o país.

O congresso académico tem que ser um facto, tem que ir àvante para se ouvirem as aspirações da juventude das escolas.

Pedindo desculpa aos nossos bons signatários das outras missivas não lhes fazer referência, pois o espaço não chegava, apartamos sòmente por êste número a carta do nosso querido colega da Faculdade de Direito Manuel Pidwell da Costa.

São da sua carta as seguintes passagens cheias de frescura e de combate pela academia:

..."Ela tem o dever de agir, avançando para a conquista das suas legitimas aspirações, concretizando justos desejos, imprimindo, dia a dia, nos seus atos, o cunho da sua individualidade. Assim, completamente unida pela solidariedade nascida e levantada á sombra duma grande Associação Académica, a Academia Portuguesa pode constituir uma colectividade que, com o seu prestigio e a sua organização modelar, contribua para o ressurgimento de Portugal».

E depois:

"Não desanimem, e deem vida, incutam *alma académica á gente nova da academia portuguesa* envelhecida».

Assim pois com auxiliares tão precisos á nossa missão coutinuará fazendo espalhar, mais forte, mais energica, mais alta a nossa idea primeira, a idea dum grande Congresso Académico.

Brinde da Academia Portuguesa

Registamos ainda mais um concorrente ao nosso brinde, que é, como dissemos, uma pasta de quintanista a escolher na importante fábrica "A Nacional":

Francisco dos Santos Vicente Junior que escolheu o n.º 45.

Assinantes propostos:

Mário Fernandes, Ernesto R. da Silva Junior, Almerindo Duarte, José Augusto Martins e José Augusto Madeira da Costa Cabral.

E' pela lotaria desta semana, como dissemos, que se considera rifada a pasta, cabendo ao que tiver os dois numeros da terminação da sorte grande.

ESCOLA MINERVA

A direcção dêste importante estabelecimento de ensino particular da capital que desde a sua fundação, há 12 anos, estava a cargo do Snr. Dr. Rui Gomes da Costa, nosso professor e amigo, está agora confiada ao Dr. Faria Rocha.

Que a benéfica acção instrutiva e educativa desenvolvida pela Escola Minerva seja continuada com a nova direcção.

Faculdade de Direito de Lisboa

Procedeu-se á eleição dos corpos gerentes para 1933 da Associação Académica desta importante Faculdade da Capital, cujos resultados foram os seguintes:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—Acácio Gouveia; 1.º Secretário—Alberto Batista Gomes e 2.º Secretário—João de Passos Valente.

JUNTA DIRECTIVA

Presidente—Acácio Gouveia; Vice-Presidente—João Faria Nordeste e Secretário—Francisco José Guerreiro.

CONSELHO EXECUTIVO

Presidente—Manuel Portilheiro; Secretário—José Cruz Ferreira; Tesoureiro—Alvaro Cunhal; Director de Sede—Batista Gomes e Director Desportivo—Francisco Bigotti.

Cumprimentamos os ilustres colegas e da sua competencia esperamos ver levantado ainda mais o brilho da numerosa colectividade que vão gerir.

A Ciencia, a Historia e a Filosofia como directrizes sociais

O século que atravessamos, aquele que enfáticamente se apelida de «século da luz», da «electricidade», da «T. S. F.» e não sei de quantas mais descobertas científicas, tem uma necessidade muito mais imperiosa que o embriagamento ante a onda avassaladora do progresso—os estudos sociais.

Fouillé já da pátria de Hugo, clamará a necessidade de imprimir ao século XX uma directriz social, moral, duma filosofia estética do bem e do belo.

Na verdade, enquanto a maior parte da mocidade coeva anda embebida na admiração dos progressos materiais que a ciência experimental nos oferece, esquecendo, na contemplação e admiração estática e passiva, o papel que tem a desempenhar no grande agregado humano; enquanto os homens de ontem permanecem manietados aos grilhões dourados do que outrora lhes parecia ideal explendoroso e agora talvez conveniência ardilosa, enquanto alguns se entregam a um alheamento de si e dos outros refugiando-se num misticismo contemplativo e esperançoso e enquanto aqueles que julgam trabalhar mais para o progresso da sociedade, perdem o seu tempo em lutas políticas quási individuais, em choques de ideias nos cérebros não preparados para conceber o «belo» e o «bem» em toda a sua plenitude. olvidam-se os pontes magnas, o problema mais importante que a sociedade necessita—a preparação intelectual e social das novas gerações.

Sim, é necessário escolher as directrizes que as hostes humanas hão-de seguir, qual o molde dos caminhos que o homem ha-de trilhar, qual a luz que o seu espírito ha-de escolher.

Desde tempos remotos que as sociedades tiveram por guia qualquer cousa de preparativo dos espíritos humanos. A princípio a credulidade religiosa dos orientais, o complicado e vicioso sistema pagão em Roma e na Grécia, as mil e uma formas de credos e religiões, o misticismo escolástico de Idade Média; depois a confiança cega na ciência, a absoluta fé da explicação do universo independente do «cosmo»; a seguir a credula confiança dos fins do século IXX na história e finalmente em nossos dias, um misto de correntes desencontradas chocando-se, mutuamente, contrariando-se, opondo-se, espalhando o caos e a desordem por toda a parte.

Aqui uma renascença católica despedaçando-se contra a autoridade histórica ou científica, alem o progresso experimental encontrando a oposição de espiritos idealistas e indiferentes ao material e mais adeante, quási sufocada pelo aluvião das ideias, a história agarrando-se á autoridade dos factos, como naufrago a taboa movel no oceano em convulsões.

Seria bom, pois, que nós representantes duma geração moderna nos ocupassemos um pouco do norte que havemos de seguir na nossa viagem através a vida.

Mas como? Que fazer no meio do cáos e da confusão?

Primeiro que tudo é necessário vêr qual das directrizes ha-de seguir a mocidade ávida de saber.

Ora, são tres as correntes que teem procurado reger os povos através as suas normas:—*A CIENCIA*, a *HISTORIA* e a *FILOSOFIA*.

Examinaremos em próximos artigos o papel de cada um dêsses factores e veremos a qual nos devemos inclinar.

JOSÉ NEIVA.

A Academia Portuguesa No PORTO

UM ESTUDANTE RAPTADO

Há cerca dum mês, um borborinho estranho e um movimento desusado, na Praça da Liberdade, quando os candieiros de iluminação pública já se encontravam acesos, chamou a minha atenção.

Uma multidão, sempre ávida de casos picarescos, comprimia-se, entre a qual abundavam as capas negras de inúmeros estudantes. Indaguei e soube que se tratava raptar a figura franzina e minuscula, dum aluno do Instituto Superior do Comercio, que se fazia acompanhar duma interessante menina e que dias antes tinha lançado um repto aos seus colegas.

A essa hora, seis da tarde, o projecto era de dificil execução, não por falta de temeridade dos inofensivos criminosos, mas porque o movimento naquela artéria, intensifica-se e por conseguinte torna-se propicio a uma fuga. Falhou ali o lance, mas, numa rua pouco iluminada da cidade alta, três vultos embuscados, esperavam a pé firme a sua vitima, que ali deveria passar a caminho da casa da sua bem amada, e numa conversa animadora com a figurinha gentil daquela que' embora perante colegas e amigos, o obrigou a passar uns maus bocados.

Ei-lo que surge no fundo da rua, e no momento oportuno, uma capa o amordaça e um automovel corre, vôa atravez da cidade, sem que os pacificos transeuntes, os austeros guardas de segurança suspeitassem que dentro daquele carro misterioso, um futuro diplomata ou funcionário aduaneiro, marchava reduzido á impotencia, para um tribunal colectivo a quem teria de prestar contas do seu audacioso repto.

O scenário é sóbrio. modesto, mas digno das ocasiões solenes. Na mesa e na teia, nomes sobejamente conhecidos no meio academic. Amadeu Santos, o estudante de cabelos brancos mas sempre alegre, bem disposto, chocarreiro, o Seixas, incomparavel cantor de fados, etc. A requerimento da acusação, o reu é convidado a desnudar a parte inferior do corpo. Testemunhas de defesa, de acusação, passam pela frente do tribunal, são interrogadas pelos advogados e finalmente vem a sentença. O reu é condenado em 20.00, importancia que servirá para o culto de Bacco.

No dia seguinte, á porta do mercado do Anjo, a voz famosa da mulher que toca guitarra e canta os fados que a sua musa lhe inspira, parodiava a scena com alegre gaudio de todos quantos a ouvíam e conheciam a brincadeira.

* * *

QUEM SERIA?

Noticiaram os jornais do Porto, que por meio do conhecido e cansado processo do conto do vigário, apanharam o melhor de quatro centos escudos a um estudante de engenharia.

Procura-se nos jornais, investiga-se na Policia de Investigação Criminal, pergunta-se na Policia de Segurança, e embora êste caso seja confirmado, o nome da vitima desconhece-se em absoluto.

Depois de ludibriado, o referido estudante, constatando com desanimo o conteude do pacote, ainda se dirigiu á Policia, e só aí verificou o seu acto irreflectido, arrependendo-se e desistindo de apresentar queixa.

Mas, nada se consegue esconder. O rabo deve ter ficado de fora e talvez já no próximo numero, me seja possivel prestar a devida e merecida homenagem ao protagonista da estação de S. Bento.

:—:

Campeonato Escolar de Foot-Ball

Patrocinado pela Associação de Foot-ball do Porto, deve ter o seu inicio este Campeonato, na próxima semana, registando-se já a inscrição da Escola de Belas Artes, Liceu Alexandre Herculano, Escola Mousinho da Silveira, Escola Industrial e Comercial Oliveira Martins e Escola Industrial Infante D. Henrique. Conta-se também como certa a inscrição da Faculdade de Medicina, Instituto Superior de Comércio, Instituto Industrial e Comercial do Porto e Liceu Rodrigues de Freitas.

Promete decorrer animado, visto presidir uma organização cuidada e sob a alçado do organismo máximo do Foot-Ball Portuense.

MARIO BRAGA

MARMELO E SILVA

«O Homem que abjurou a Sociedade—Crónicas do Amor e do Tempo»
Preço pelo correio, 5$00

O académico Marmelo e Silva conquistou com esta obra de alto valor, o titulo de *o mais novo literato de Portugal*

—

Pedidos ao autor:
Liceu de Nuno Alvares—Castelo Branco

Pensão Gonçalves
Rua Luciano Cordeiro, 8
Telefone N. 5296
Comida com abnndancia e cosinhada com o maximo asseio
Preços módicos
Jantares para fóra, desde 6$00

A Academia Portuguesa Em Evora

AVANCEMOS!...

Cai sobre nós um ice-bergue de indiferença, sempre que tentamos qualquer movimento literário, neste meio falsamente cultural a que pertencemos. Todos os impulsos da vida literária ou jornalistica são canibalescamente espesinhados pelo indiferentismo baixo da Academia.

Daí, esforços titanicos quási, quando se procura firmar algum esboço literário. Tem sido, assim, ingrato o esforço realizado pelos rapazes da *Academia Portuguesa*, neste mare-magnum *de não te rales* de uma grande parte dos estudantes. Mas é preciso **avançar!** E' indiscutivelmente elevado o fim proposto pela *Academia Portuguesa:* concretisar os nossos direitos constantemente amorfanhados, expandir os nossos sonhos moços, colorir a bizarria inconstante dos nossos amores...

São talvez os métodos medievais do ensino a causa de tudo isto. . Quási tudo se dirige á memória, nada ao raciocinio, á inteligencia. Um bom aluno precisa só decorar, mesmo sem perceber – benditas excepções!—, e repetir, na inconsciencia de um disco de grafonola, perante o mestre, perante todos.

Saem das Universidades doutores? Talvez... pondo, na maioria dos casos, á frente: bagagem cientifica, caixotes de teorias, unindo os termos pelo sinal de igual! Daí a incompetencia, exames e mais exames—Selecções! Daí não se fazer ciencia-nova, a iniciativa individual, o entusiasmo, o gosto, não terem existencia entre nós. E vemos, triste verdade, uma leva de forçados entrando diàriamente para as escolas só para Iludir.

Disse um grande pedagogo nos fins do século XIX:

«A espontaneidade, a liberdade de pensar, a livre imaginação constituem o fundo da educação protestante: *onde ela reina, desaparecem o método de repetir, de aprender de côr sem reflexão, o mecanismo, a sujeição á autoridade...*

Não neguemos a primordial função do preciosissimo dote que a Natureza nos dá—a Memória, tronco eloquentissimo donde partem, o raciocinio, o conhecimento e a imaginação, mas não o emputemos pela intoxicação do excessivo descorante—tudo o mais!

Julgo ser em grande parte, por tudo isto, que a multidão académica é nitidamente refràctária no seu gosto para assuntos independentes, como seja um jornal. Mas hà que **avançar!** Revoltando-nos embora, **avancemos!** A *Academia Portuguesa* tem progredido, mas não progredirá sem nós; auxiliemo-la, **avançando.** A fusão de «gente-Nova» marca um enorme **avanço** na sua luta, defenindo-a quási, enriquecendo-a, fazendo-a **avançar.** A pagina feminina enaltece-a tambem... Que se estilhacem os grilhões do servilismo e que a rapaziada erga bem alta a *Academia Portuguesa* são os meus votos!

A. Leite da Costa.

Funcionamento Noturno da Biblioteca Publica de Evora

Evora possue, adentro das suas muralhas enegrecidas pela pátina dos tempos, autenticas jóias arqueológicas, de encanto e de poesia.

Das excelsas pelo seu valor histórico-literário é sem dúvida, a Biblioteca Pública de Evora.

Fundada pelo ilustre prelado Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, a Biblioteca P. de E'vora patenteia o seu irrefutável valor na numerosissima quantidade de exemplares rarissimos que contem, entre as primeiras Bibliotecas do país.

Preciosas são as colecções de livros antigos, únicos alguns, cancioneiros, manuscritos, etc, legados pelo carinho do erudito arcebispo de E'vora, no século XVIII, coleções que têm sido enriquecidas de muitissimos volumes.

Esta Biblioteca está aberta ao público das 10 ás 4 horas da tarde, em todos os dias úteis, sendo bastante frequentada, essencialmente por estudantes. Esta frequencia, agora mediante a apresentação do cartão de identidade, é ferida no seu peso numérico por variadas circunstancias. Não só pela apresentação do bilhete de identidade que nem todos sempre trazem consigo, mas sobretudo pelas horas do seu funcionamento.

As aulas no Liceu, que começam ás 9 horas da manhã, terminam quási sempre à hora em que a Biblioteca encerra as suas portas, sendo impossivel a muitos estudantes frequentá-la

Ora, sendo de máximo interesse a grande concorrencia de leitores, desejosos de aprender alguma coisa, lembramos a quem de direito a conveniencia da alteração do horário da Biblioteca P. de E'vora. O meio eborense é pobrissimo em centros agradáveis onde a rapaziada académica se reuna. Depois das aulas, os estudantes não hão-de passar o restante espaço do dia nas pensões ao canto da chaminé, cochichando intrigas domésticas, ou vaguear pelas ruas desertas e frias da capital alentejana, a neurestinisando-se, e asfixiando-se até com a vida de café. Esta é a realidade.

Pretendemos, pois, lembrar estas circunstancias e pedir ao sr. Ministro da Instrução ou a quem competente o funcionamento nocturno da valiosissima Biblioteca P. de E'vora, onde, nas suas amplas salas os estudantes se podessem encontrar, ler e até es udar as suas lições

Aqui deixamos êste pedido, certos de que ninguem duvidará das suas razões e urgente utilidade.

E' conveniente salientar que o actual horário da Biblioteca impossibi ita p r completo a presença de muitos eborenses, empregados em escritórios, no comércio, etc. Era, pois, um jacto de luz, de instrução a aquecer os cérebros dos habitantes desta cidade de aquem Tejo.

TOCANDO Á GARGALHADA

—A Dona Latinista muito senhora do seu nariz tem aspirações a casar com um juiz.

—O Dr. Ave-silencio, depois de fazer análises sobre análises, descobriu que a pulga tem o condão de dar saltos.

—O Pinto-papagaio, tronco de numerosas famílias zoológicas *chora amargamente a perda das suas esperanças...*

que dirá o Gargaté?...

—O Silva, celebérrimo vai-se tornando célebre por via do telefone...

Mas Eles não sabem disso!!!

—O Eletro depois de férias apareceu uniformisado, preguntam-nos porquê...

Oh colegas vocês sabem?...

—O Abilio vai-se tornando Petrónio, tencionando mudar a padeiria, para Leiria, por via da Maria...

—A *troupe* literatos após evoluções aereo-terranas veio cair na cepa-torta.

—O Temudo desde que viu certo film se considera um garçon charmant; o mesmo tem aspirações a alfaiate...

Coitados eles são tantos!...

—Os Caeiros da 6.ª de Letras andam ao desafio com as manas.

COBRANÇA

Aos nossos prezados assinantes apresentamos a expressão do nosso reconhecimento pela prontidão com que satisfizeram os seus recibos.

A'queles, porém, que não se encontravam em casa quando o correio lhes bateu á porta, ou que não puderam ir satisfazer á estação telegrafo-postal, por ficar distante, pedimos a fineza de nos enviarem a importancia da sua assinatura em moeda papel ou selos, a fim de nos pouparem despesas de cobrança o que antecipada e reconhecidamente agradecemos.

CURSOS DOS LICEUS

AULAS INDIVIDUAIS

Explicações a alunos do liceu, responsabilisando-se pelo aproveitamento.

R. Campo de Ourique, 174

LICEU

Explica-se o curso dos liceus a ambos os sexos

Preços módicos

Calçada de S. V cente, 94-3.º D.º — Li boa (junto ao liceu Gil Vicente)

SENHORA

Ensina a lingua franceza, por preços módicos

R. Barão de Sabrosa, 176-1-E.

ANO I — LISBOA 1 DE FEVEREIRO DE 1933 — N.º 10

Direcção de:
Jorge Antunes e
Telmo Felgueiras

Gente Nova

Secção cultural, artistica, desportiva e cinematográfica

Redactores:
Azinhal Abelho, Penaforte Costa, J. Maria Atayde e Pimentel Barata.

EDITORIAL

Quando nós marchamos no melhor da nossa vida, quando supomos abertas de par em par as portas que nos conduzem ao palácio do sonho, para fazermos a jenuflexão perante a deusa suprema da Ventura, dando-lhe graças e erguer-lhe hinos, uma mão belisca o nosso sêr, e uma dôr imensa faz-nos recuar.

A vida de cada dia arremessa-nos uma série de peripécias num precipitar constante. E' o piparotear aflitivo sôbre a nossa fragilidade.

Vivemos na ilusão da grandeza. Um simples toque, e eis o nosso castelo derruido. Ouvimos uma jura. Uma nova atitude, e eis a jura quebrada. Fazem-nos uma afirmação. Uma nova aurora brilhou para aumentar a nossa esperança. Um debate, uma réplica, e eis a afirmação tornada em dúvida.

E' assim que nos vergastam cruelmente, quando simples e satisfeitos, acalentam dentro da nossa alma uma auréola risonha.

Foi há dias que recebemos de chofre, de cara a cara, de maneira ingrata, a triste e dilacerante noticia da morte do professor Dr. Mário de Alenquer.

Não a esperavamos. Sabiamos do estado precário de saude do distinto homem de letras. Tinhamos conhecimento de perto como caminhava a passos grados e assustadores a sua terrivel doença. Mas que a morte nos roubasse a sua companhia, mas que a morte nos tirasse o seu convivio, não esperavamos, não esperavamos na verdade.

Espirito lúcido e inteligente, com uma bagagem excessivamente completa para a sua alta missão, qual é a de ensinar e educar, Dr. Mário de Alenquer impusera-se á consideração de todos os seus alunos e à admiração de todo o professorado.

Viajando em peregrinação de estudo pelas Universidades europeias trazia até à nossa pátria, até aos alunos, a quem ele queria como se fôssem seus filhos, seus melhores amigos, uma série de conhecimentos, um punhado de indicações.

E todos o escutavam com um compenetrado respeito com uma dedicada atenção.

Ali, mais do que o mestre, estava o amigo, estava o conselheiro, estava o indicador dum caminho a tomar na vida.

De Lisboa foi para Paris para vêr se lá conseguia descansar um pouco o seu cérebro intranquilo e o seu espirito preocupado.

Todavia a maldita doença não o largava. Dir-se-ía que ela bailando à sua frente, como um espectro horrivel, procurava aniquilar aquêle homem ainda nôvo, e de quem havia muito a esperar.

Já numa casa de saúde francesa, talvez depois de muitas noites de vigília sem conseguir suavisar o seu espirito, quis dormir uns momentos. Uma hora passou Mais outra; outra ainda, ainda mais uma - os ponteiros giravam e o enfermo descansava enfim. Felismente dormia. Mas as horas soavam de sessenta em sessenta minutos, e Dr. Mário de Alenquer não dava sinais. Foram vêr: dormia o sôno eterno, o sôno dos bons, o ultimo sôno que nos espera a todos. Morrera.

Bom amigo! grande amigo!

Assim nos roubaram um ente que por nós foi tanto. Perdemos com o seu desaparecimento um mestre e um conselheiro.

Ainda escrevendo este artigo, sob a emoção que me causou a triste nova, julgo viver num sonho.

Não pode ser! - comento. Mas logo caio na realidade pelas palavras que ouço de todos os seus discipulos.

Puxemos as nossas capas negras como a dor que nos acompanha; apertemos a batina deixando só vêr a alvura do nosso colarinho, branco como a sinceridade da nossa manifestação; e ofertemos á memória de Dr. Mário de Alenquer estas saudades, saudades-palavras, saudades-flôres como ultima homenagem, como reconhecimento de quem foi tão nosso amigo - porque Ele bem merece.

Jorge Antunes.

TÍVOLI

«Onde está minha mulher?» — O Tivoli oferece-nos agora um film cheio de pimenta, que não ofende, e que no genero livre das comédias parisienses é bem interessante.

Tem uma serie de canções que se escutam com agrado, cortando de vez em quando a cena culminante, a cêna que nos não deixam vêr completa.....

Henry Garat, o galã já celebrizado com o filme «Que rapaz encantador» empresta toda a sua graça, toda a sua juventude a este novo papel. Meg Lemonnier e Leon Belico Res completam a acção de Garat.

Aniversário

No passado dia 5 de Janeiro completou mais um aniversário natalicio a menina Maria Amélia Teixeira, insinuante filhinha do nosso particular amigo sr. Carlos Teixeira e da Ex.ma Sr.a D. Delmira Marques Teixeira residentes em Setubal.

Por isso mesmo esse dia foi de grande festa no lar do nosso bom amigo.

Cinêma Educativo

Nos primeiros tempos, o cinêma foi um elemento de divertimento das massas populares, sendo por vezes perniciôso.

Então, ainda não existia nenhuma das modalidades: nem *educaço no cinêma*, nem *cinêma na educação*.

Pouco tempo antes do advento do fonocinêma, é que, nalguns países mais avançados se começou a introduzir o cinêma na educação. Quando á introdução da educação no cinêma, nada teem feito as emprêsas produtoras, a não ser algumas produções americanas, como *"All Quiet ou the Western Frount„. «Rango, "Africa Speaks, "Trader Horn„ "Tubu„*, etc.

Sobre a modalidade a preferir, uns pronunciam se a favor do cinêma na educação, outros, talvez com mais razão, a favor da educação no cinêma. O cinêma na educação é dum benefício muito restricto para as massas populares; só os individuos que frequentam as escolas, licêus ou universidades é que se podem utilizar dele. Pelo contrário da educação no cinêma beneficiam todos os que assistirem a projecções, quer publicas, quer particulares.

Fernando Pinto Loureiro.

Crónicas alfacinhas

«Lisbôa, bôa Lisbôa»

Vais ser nestas *crónicas alfacinhas* analizada com minudência e justiça, vou mecher nas tuas chagas, vou falar das tuas belezas.

Costumam teus filhos ser benévolos, só te falam dos encantos e não reparam nos defeitos. Eu também sou alfacinha, também tenho por ti a amizade de filho, mas essa amizade é sincera, e mesmo por isso, quero apontar as tuas manchas e as tuas faltas.

Não é para te rebaixar que as aponto, mas sim para as suprimires, pois corrigimo-nos muitas vezes por nos falarem dos nossos defeitos.

Se tu te corrigires, querida Lisbôa!?!

Mas e dificil eu bem sei, pois possuis uma alegria invejável, essa alegria das gargalhadas do sol que partilhas com todos os que te cercam e por todos que contigo convivem. Depois conservas uma mocidade inalterável com os anos, és sempre formosa e linda, nunca perdes essa simpatia que te é franca.

Quantas vezes, falando contigo, me esqueço que és minha mãi, para te julgar minha noiva.

E assim todos adoram e veneram Lisbôa e ninguém a repreende. Eis pois a razão por que se não corrige.

. . . . . .

Minha mãe, pensa com prudência e verás que é só por te ter grande amizade que assim falo. Sabes, é que eu possuo uma certa vaidade em ser filho da rainha das cidades portuguesas e tenho pena que a tua côrte — esta cidade que tem o teu nome — não seja um paraizo onde vivam teus filhos e amigos.

Adeus; saüdades muitas e crê na verdadeira amizade deste teu filho.

Telmo Felgueiras.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

"TEEM A PALAVRA AS RAPARIGAS"

Direção de: LUCILA MARIA

ESTIMULO

Houve uma rapariga, que, no jornal «Novidades»,onde colaborou, soube vincar a sua personalidade invulgar, mostrar a sua vontade de produzir, de atingir um ideal. Esse vulto femenino suscitou-me a maior simpatia.

São tão poucas as raparigas que em Portugal sabem desempenhar o seu papel na sociedade!

São tão poucos os espíritos femininos que sabem fazer e dizer qualquer coisa mais do que está feito e dito!

São tão poucas as raparigas compenetradas de que podemos ser mulheres intelectuais sem nos masculisarmos!

São tão poucas as dotadas de bom senso, que, quando se nos depara uma personalidade liberta destes aleijões, devemos apresentá-la á mocidade feminina, como um bom exemplo a seguir.

O artigo que preenche hoje uma das colunas da nossa página faz parte da série dos que ela publicou no jornal «Mocidade».

É com o maior interesse que arquivo nas colunas da nossa pagina as produções da juventude feminina, que tem vontade de sair da indeferença a que um grande número se entregou.

É necessario trabalhar, sacudir as ideias mórbidas e caminharmos para a luz, para a verdadeira vida.

Talvez Cândida Cabral tenha razão quando diz:—«serão todos esses maus exemplos que hoje as cercam que farão nas suas almas jovenis, e portanto puras, um grande e inocente desejo de serem diferentes».

Espero que tal aconteça. Mas, estou convicta, que para isso acontecer é necessário trabalhar, em vez de ficar esperando... milagres.

Candida Cabral! é preciso actos, você tem qualidades de trabalho, é essa a razão porque venho hoje pedir-lhe colaboração na minha ideia.

Lucila Maria

Berço e Tumulo

Ó minha Terra, meu berço,
Meu lindo Val' de Bésteiros,
Que embalaste carinhoso
Meus dôces sonhos primeiros,

Terra forte de almas sãs
E de fartos laranjais:
Se muito digo de ti,
O que não digo' inda é mais!

Coração da Beira Alta,
Do Eden Terreal irmão:
Tu és fonte inesgotável
De beleza e inspiração;

Onde a esmo nascem flores,
Nos montados, nas valetas...
Flores, que adornam altares,
Flores, que inspiram Poetas!

O' Beira Alta louçã,
Com tais galas, tal condão,
E's irmã, és irmanzinha
Da Terra da Promissão.

Berço e túmulo... «—*Bem hajas!*»
(Lá... do *Alem*, te direi eu)
«—*Pelo santo património*
Que a minha Terra me deu!»

Boaldeia—1933.

Alzira Vieira.

Hoje e amanhã

A rapariga de hoje devia merecer da parte de todos, consideração, respeito e muito carinho. Lembrem-se que ela é a mulher de amanhã, aquela que terá de arrostar heroicamente com as desgraças que de dia para dia ameaçam a Humanidade inteira.

E a elas, a essas raparigas, que hoje nos aparecem debaixo duma máscara frivola e banal e como queriam que fôsse diferente na época que atravessamos? —que debaixo dessa mesma mascara escondem almas valorosas e dignas, é a elas que o futuro reserva um importante e difícil papel, feito de sacrifício, trabalho e resignação. Terá então chegado a ultima de poderem mostrr ao Mundo en pleno desabrochar, a sua boa e ardente vontade, que trabalharà por transformar a sociedade de hoje numa sociedade melhor.

Os cepticos duvidarão talvez, de tal boa vontade, mas a Mocidade é optimista e acreditará firmemente nela. Direi mais, sserão todos esses maus exemplos de que hoje as cercam que farão vasar nas suas almas juvenis, e portanto puras, um grande e inocente desejo de serem diferentes, de se transformarem em esposas e mães estremosas, capazes de todos os sacrifícios pelos seus, e de razão clara e forte para afastarem de si os perigos que as possam vir a rodear.

A sociedade de hoje é a escola de preparação das futuras gerações que, em vez de lhe seguir o exemplo nas más passadas, farão, ao contrário, por trilhar um novo caminho, o caminhao da Luz e da Bondade. A isto chamar-se-á a reacção, na qual caberá um papel primordial á rapariga de hole, mulher de àmanhã.

Candida Cabral

Aos Cinèfilos

A vida dos estudios e as ocupações habituais das estrêlas, foi sempre um têma palpitante para o curioso público cinéfilo. Essa curiosidade é levada ás vêzes a tal exagero, que bem merece as criticas de pessoas de bom senso e que tem arrastado os publicity-man, para saciar a curiosidade do público que muitas vezes acha pouco interessante a verdade pura e simples, a fantasiar as mais inverosimeis histórias.

Em Hollywood, publicam-se jornais só dedicados a contar a vida das estrêlas.

Em tôda a parte é numerosa a imprensa que trata tal assunto.

Lembrámo-nos que os cinéfilos da nossa terra gostassem de conhecêr mais promenorisadamente a vida intelectual e artistica das nossas estrêlas; por isso pedimos a algumas das nossas mais interessantes artistas para dirigirem esta secção feminina em que elas responderiam pacientemente ás curiosidades admissiveis dos seus admiradores.

Para bem começar, responderà Rosa Maria, a encantadora interprete de «Maria do Mar», e que tão brilhantemente tem afirmado as suas qualidades de invulgar artista.

J. Maria

Flores vermelhas

Aqui sentada à minha mesa de estudo, avisto aquelle montão de rubras flores que me deste.

Uma meia obscuridade nos envolve a elas e a mim. Deviso-as muito indefinidamente—como uma grande mancha avermelhada. Aquela mancha toma para mim as proporções da tua sombra.

E eu sinto uma vontade brutal, quasi deshumana, de as beijar, de amachucar—de me vingar naquela mancha indecisa das máguas que fazes em coração meu.

Não concebes quanto adoro as flores vermelhas. Desde a papoila á rosa, tenho a todas o mais profundo culto. Elas, na ardencia da sua cor lembram-me o nosso amor—este amor que me enche a vida duma estranha felicidade.

—Tenho uma inclinação especial a tudo que me faz sofrer, que me tortura... E desejava beijar — com um beijo terrivel — aquelas flores; desejava rasgar os meus lâbios nos espinhos das rosas, e regar com o meu rubro sangue aquelas flores vermelhas —que são para mim a incarnação viva da tua pessoa... Que são o símbolo mais perfeito da ardencia do nosso amor— deste amor só por nós compreendido.

* * *

Do jarrão caiem agora as primeiras pétalas- e enquanto elas para sempre se estiolam, eu fico pensando: não terá o nosso amor o fim daquelas flores vermelhas?....

Janeiro de 1933.

Lucila Maria.

Desilusão

D'ha muito que andava enamorado
E que meu coração desiludi,
Sentindo que vivia só p'ra ti
Um certo coração apaixonado.

Achando em ti um anjo idolatrado,
Uma forte paixão nascer sentí;
Porém, a última esp'rança perdi
Ao conhecer que tinhas namorado.

Assim, a minha vida é só sofrer,
Porque te amarei até morrer
Com o mais terno amôr dum coração.

E quando um dia, os dias acabar,
Tenha o consolo de te ver chorar
Aquêle que viveu duma ilusão.

Celestino R. Santos Júnior.

Progredindo

O largo âmbito do nosso jornal obriga-nos a sair com uns numeros extraordinários a fim de darmos despacho ao original retardado na nossa redacção. Aos seus signatários e especialmente aos nossos prestantes e valiosos redactores delegados apresentamos as nossas desculpas.

Alem do numero vulgar de 15, saírão neste mês dois números extraordinários, um no dia 8 e outro no dia 26, (dia de Carnaval).

A Academia Portuguesa em Coimbra

Comentários

(*Retardado na Redacção*)

Fechado êste pequeno parêntesis das férias do Natal, recomeça a vida académica coimbrã. Há abraços e preguntas ingénuas e francas de "bôas-férias" entre a rapaziada amiga. Os que regressam, deixado ainda há pouco o confortável cadeirão estofado das suas casas distantes, já vão pensando nas próximas peregrinações noturnas aos quintalórios bem fornecidos de criação, não se perca a tradicional ceata das noites frias e nevoentas. E quantos sustos, quantas correrias para, às vezes, nem sequer um pinto se caçar!...

Os que por cá ficaram, entorpecidos pelo isolamento a que se submeteram pela falta de companheiros, começam a reanimar-se e contam, com um àrzinho superior de quem está no segredo dos Deuses, o que é que se projecta de "importante" para o segundo período escolar. São tantas, tantas coisas...

A Tuna, por exemplo, começa a preparar as malas para ir de abalada até terras do Alentejo e do Algarve e, possivelmente, Espanha. O Raposo Marques, alma da Tuna, esfrega as mãos, de contente, antegozando as delicias da contemplação de uns olhitos sensuais de alguma "hermana salerosa"! Mais, não pode ser... que êle é casado!...

O "Orféon" sonha... com muitas viagens, qual delas a mais convidativa. Será a Galiza? A Itália? Os Açôres e Madeira? Tudo é possível e oxalá se realize, pelo menos, uma delas. Caso é que o seu ilustre Regente, sr. Doutor Elias d'Aguiar, arranje disposição e saúde para aturar as impetuosidades do sangue moço dos orfeonistas e consiga suportar as fadigas de tão longas digressões.

De política... não se fala. O "Foot-ball" açambarcou tôdas as energias oratórias da estudantada e pensa-se muito mais a sério no resultado do próximo encontro Associação Académica-União do que na abertura do futuro parlamento do Estado Novo. Os estudantes de Coimbra, regra geral, não ligam muita importância às coisas verdadeiramente importantes.

Será um producto do meio ou um excesso de confiança em si próprios? Cabe aos psicólogos o responderem a esta pregunta. Por mim, abstenho-me disso.

José de Assis Pacheco.

Sindicato da Imprensa Portuguesa

Na noticia, que sob êste titulo inseriamos no ultimo numero, continha-se um parentis em que claramente diziamos que um dos membros do directório, sr. Duarte Costa, fôra expulso das cadeias.

E' nosso dever, sem que para tal sejamos instados, retirar dessa noticia o pequeno parentis, em presença dum documento que ouvimos ler e a que não podemos deixar de dar maior valor que á informação que nos foi prestada, embora tenhamos por essas pessoas a maior consideração e nos mereçam o melhor crédito.

O parentis, porém, nada altera a noticia que mantemos, bem como todas as noticias dadas.

FRANCES
Pronto a falar em sete semanas
inglês, latim, curso geral dos liceus,
cada 35$00, trad. Fréchou
R. da Rosa, 177, 4.-E.—LISBOA

Dr. Albano Fernandes

Depois de algum tempo de licença por motivo de doença, voltou ao serviço o sr. Dr. Albano Maria Fernandes distinto professor de Geografia e História do Liceu José Falcão.

Exposição de Ex-Libris

No "hall" da Biblioteca Municipal abrirá brevemente a primeira exposição de "ex-libris" que se realiza nesta cidade.

Exames de admissão á Escola do Magistério Primário

Começaram no dia 11 do passado mês, no Liceu José Falcão, os exames de admissão á Escola do Magistério Primário, sendo o Juri constituido pelos seguintes professores: Dr. Albano Fernandes, Dr. Sá d'Oliveira, Dr. Camara Leite, Capitão Cardoso e D. Alice Correia.

Vingança!

A M. D. M.

Quando um dia eu fôr poeta
E versos souber de cór,
Nem num só dos meus poemas
Deixarás de vêr Amôr.

Hei-de contá-lo p'lo mundo
De mil formas e feitíos,
E tornar-te a heroína
Dos meus versos doentíos.

Hei-de fazer-te chorar
Co'a minha melancolia;
Do amôr hei-de atear
A chama que em ti ardia.

Hei-de vêr-te arrependida,
No meio de tanto mal,
Do sacrifício cruel
Que déste ao teu Ideal.

Hei-de sentir-te a meus pés
Vergada pelo desgôsto
De seres a fonte das lágrimas
Que me queimaram o rôsto.

Hei-de sentir o sofrêr
Marejar dos olhos teus,
Com o mesmo cruel prazer
Com que outr'ora viste os meus...

E só quando êsse martírio
O meu tiver suplantado,
No meio do meu delírio
Eu te terei perdoado.

E nessa dôr tão ruím
Que o peito sem dó esmaga,
Hei-de lembrar-te por fim
Que *amôr com amôr se paga.*

E vós, colegas amádas,
Dizem-me do coração,
Se almas assim torturadas
Não merecem compaixão...

Celestino R. Santos Júnior.

Novos de Portugal

Por absoluta falta de espaço, só podemos extratar alguns períodos da notável conferência que o Exmo. Sr. Dr. Sá Oliveira proferiu na festa do 1º, Aniversário do «Nucleo de Propaganda Educativa.»

«Comovam-se, muito embora, de saudades do passado, os velhos que vos falam dos ideais dos estudantes do seu tempo. Eram os ideais do Palito Métrico, obra de estudantes estúrdios, as troupes por noite alta, o canelão á porta férrea, o parasitismo dos que andavam *á libre*, a capa vélhinha e rôta, pura manifestação de falta de asseio.

Comovam-se, muito embora, de saudades do passado, os velhos que vos falam do seu sentimentalismo de estudantes. Era o Mondego das lavadeiras, o Choupal dos São—joaneiros, a Estrada da Beira das Serenatas e o Penedo da Saudade de noites malbaratadas.

Estudantes que foram poetas, estudantes que foram escritores, estudantes que deram em sábios — sempre os houve; mas não os formaram as *escolas da sebenta*, por si se fizeram êles, que não no convívio dos mestres, com quem não mantiveram convívio algum.

Grandes e generosos movimentos de ordem pública ou de ordem social, sempre os houve entre os estudantes; mas não foram as escolas que os fomentaram, foram obra de alguns idealistas que outros seguiam, por vezes com uma convicção que lhes permitía mudar de idéas tam depressa, formados, entravam no que se chama a *vida prática*, ou seja, a vida em que cada um procura instalar-se o melhor que pode, de preferência á mesa do orçamento.

.....

Numa conferência deveras notável, realizada no Liceu Normal, em 7 de Maio findo, tratando o mumentoso problema, o Sr. Dr. Ferreira de Macedo assinalou a existência de três tendências nitidas que dominam a vida social comtemporânea: uma, em que a primasía tem *aspiração do domínio*, em que o homem ideal é o *homem forte*, forte de corpo e de caracter, o homem de acção e de iniciativa; outra, em que tem a primasia o *pensamento*, a aspiração de conhecer e de compreender, em que o homem ideal é o *homem doutro*, aquele que abrange, com a sua inteligência livre, o circulo último da ciência e da filosofia do seu tempo; a treceira, em que tem a primasia o *sentimento moral*, em que o homem ideal é o *homem bom*, de abnegação e sacrifício, aquele para quem o sentido da vida consiste na harmonia completa da sua consciência moral, tanto para com todos os seus semelhantes como para com Deus.

E sou com o insigne professor, quando me parece concluir que os mais altos e nobres tipos humanos do nosso tempo, os homens—tipos, são aqueles que procuram ser *fortes* de corpo e de espírito, não para dominarem os outros homens, mas para satisfazerem a aspiração de tudo conhecer e compreender e a da beleza, da bondade e da justiça, no sentido mais puro.

Assim visto o problema, deve cuidar-se da saúde, da robustez e da defesa do corpo; do desembolvimento da inteligência, do raciocínio e do sentido estético, da cultura do sentimento da bondade e da justiça.

.....

Preparai vos conscienciosamente para o exercício das profissões, escolhendo, entre tantas, aquelas que corresponderem melhor as vossas capacidades e vos parecerem mais úteis á comunidade. Porque havemos de ser todos professores, advogados, médicos, comerciantes, oficiais do Exército, funcionários, públicos —quando há tanta terra que carece de ser aproveitada, tanta indústria que carece de ser desenvolvida?

Considerai que a Pátria Portuguesa não se confína na cabeça da Europa tôda; possuímos ilhas feracíssimas, que são também Terras Portuguesas, e domínios coloniais, que são ainda um vasto Império que espera a nossa actividade civilizadora.

Enfim, sempre prontos, como os *Escoteiros:* formai o vosso corpo, formai o vosso espírito —segundo aquele alto pensamento: *que homem é verdadeiramente aquele que é forte e culto e bom.*

È assim que eu julgo que deve realizar-se uma Festa de confraternização, que é assim que deve celebrar-se a Festa da Pátria!»

A encerrar a sessão, o Exmo. Sr. Coronel Lopes Galvão, em nome da direcção da Sociedade de Geografia, proferiu um brilhante discurso de saudação aos «NOVOS DE PORTUGAL».

Manifestou o acolhimento e a simpatia da referida Sociedade pela obra meritória que o N. P. E. está realizando, conforme fôra explanado no discurso do Sr Dr. Gomes dos Santos. E salientou a necesssidade e as vantagens desta obra, especialmente no aspecto cultural e de propaganda das nossas colonias, afirmando que a Direcção da Sociedade de Geografia tinha a maior satisfação em receber os «Novos de Portugal», que se propoem realizar um tam belo programa de Ressurgimento da Pátria

A "Academia Portuguesa" em Braga

Redacção Delegada—Avenida Central, n.º 170

REDACTORES: Carlos Viana, António Vaz Antunes, Armando Correia, Carlos Santos, António H. Ribeiro da Cunha

COLABORADORES: Domingos Alves Grandiuho, Feliciano Ferreira Ramos | do Liceu Sá de Miranda

NINHARIAS

O restricto limite de 36 admissões de cada sexo ás Escolas do M. Primário, é no parecer de todos, motivo justificavel de verdadeiro desanimo. Centenas de rapazes, mocidade alegre e laboriosa, vêm surgir no seu pequenino campo de esperanças um futuro pouco ou nada prometedor. As dificuldades que de ano a ano opoem aos estudiosos, é Carreira demasiada íngreme para se vencer. Muitos, em frente dêstes insuparáveis obstáculos, deixam os seus estudos incompletos por falta de meios. Outros, não podendo levar alto as suas aspirações, procuram um curso modesto que os possa precaver contra vicissitudes futuras.

Nêste curso estão as escolas de M. Primário. Ainda há bem poucos anos estas escolas funcionavam quási exclusivamente com alunas, sentindo-se a falta de rapazes a ponto da imprensa se ocupar disso, o que se prova com as inúmeras escolas masculinas que são e serão ainda chefeadas por professoras.

Também é certo, que os candidatos ao M. Primário, ténham apenas uns conhecimentos reduzidos, pois eram admitidos apòs um breve exame de instrução primária e, no pequeno espaça de 3 anos estavam aptas a poder exercer o professorado. Entre tanto não acontece agora! *Lavoisier* o disse: «tudo a transformar», e assim, só quem tiver o curso geral dos liceus (e êste com 12 valores), poderá concorrer áquelas escolas, de tão dificil acesso. Porquê? Será para debelar a crise do desemprêgo?

Não, porque parte dos alunos que pretendem tirar hoje o curso do Magistério, obedecem ás circunstâncias, por não terem em que aplicar a sua actividade a um dado «metier», em troca duma pequena remuneração.

Por isso bateram ás portas das Escolas Normais numerosos aspirantes ao professorado primário. Sómente o irrisório número de 36, de cada sexo, foram admitidos, mas escolas houve que reduziram o número de rapazes para aumentar o das meninas.

Porque seria? Talvez por haver sete mulheres e meia para cada cidadão? Se o motivo foi êste, luminosa foi a ideia, pois o que não lembra aos rapazes...

E se alargassem um pouco mais o limite dos rapazes para o não igualarem ao das meninas? Não seria acertado? Se a mulher precisa de labutar pela vida, não precisará mais o homem? Se a professora pode exercer as suas funções em escolas masculinas, não será prejudicial ao professor, que, inibido de poder concorrer às escolas femininas, fica em casa aguardando vagas que injustificàvelmente são preenchidas pelas suas gentis colegas? De certo, são ninharias de somenos importância.

C. S.

O Uso da Capa e Batina

Snr. Director

Permita-me V. que ao interessante inquérito do «uso capa e batina» ventilado no jornal que V. inteligentemente dirige, venha dar, não o meu voto classificado de suspeito egoismo como aluno do Instituto de Ensino Normal, mas fazer uma pequena alusão ao parecer da academia do liceu de Braga que unânime reprovou o uso da capa aos estudantes do I. E. N., alegando têrem êstes sómente o exame primário.

Ora, é precisamente êste ponto que venho esclarecer para a restante academia do país melhor corroborar favoravel ou não no desejo da academia bracarense, que entre «tantos fundamentos em que poderia reprovar o uso da capa, escolheu três que acho serem os menos fundamentados, tais são:

«1.º) os estudantes daquele Instituto, a maior parte deles não têm o 5.º ano e alguns teem apenas a instrução primária.

2.º) em Coimbra não é permitido o uso mesmo aos alunos do E. M. P.

3.º) a ser usada a capa e batina pelos alunos do I. E. N. teriam direito a ela todos os explicandos de ensino particular.

Acho muito bem a atitude tomada pela academia bracarense que na mais franca expressão defende o previlégio que lhe é dado de usar capa e batina, em tempo, restrictamente exclusiva aos cursos superiores.

Foi por abuso que se divulgou nos liceus, E. Normais, E. dos Correios, E. Académica, etc; e, se a academia não reagir, por abuso se divulgará também nos Institutos de Ensino Normal, como creio se está fazendo no Pôrto.

Estes Institutos têm uma secção pedagógica que só pode ser frequentada por alunos que tenham o curso geral dos liceus e que não fôssem admitidos às E. M. P.

Não terão êstes direito ao uso da capa á semelhança dos seus colegas da E. M. P.?

Se em Coimbra os estudantes desta escola a não usam é porque o liceu se impõe, porque não faz o mesmo o de Braga? O motivo não interessa; o que é certo é os alunos dos I. E. N. terem (na maior parte) o 5.º ano dos liceus, como os há também com o 6.º e 7.º.

Mas bem: aguardemos o final do inquérito que não deixa de ser interessante embora os resultados sejam talvez desfavoráveis aos interessados.

Bom seria que todos os estudantes dessem o seu voto para não predominar a ideia dos exclusivistas, que falsamente dizem ser vontade unânime de tôda a academia, quando é apenas o seu desejo pessoal.

Assim aconteceu em Braga, pois não se tendo reunido a academia como poderia ser unânime em reprovar o uso da capa?

De V...

Carlos dos Santos.

* * *

Do nosso colega Armando da Silva Neves aluno da 7.ª classe de ciencias do Liceu de Vila Real recebemos uma carta da qual transcrevemos as seguintes passagens:

.... «No meu mediocre parecer, indigno de sêr ouvido talvêz, entendo que, todos os estudantes do ensino secundário, quer interno, quer particular ou doméstico, bem como os das escolas superiores, devem fazer uso da capa e batina.

E, embora os institutos sejam escolas de caracter particular, como V. muito bem diz, não se pode lá entrar sem a 5.ª e a 7.ª classe. Por conseguinte, se os alunos que ingressam nesses institutos já usaram capa e batina, porque a não hão-de usar depois?»

Refere se ainda o nosso colega á falta de meios com que em geral os pais lutam para dar uma educação a seus filhos.

E por fim remata:

«F, logo que sejam vencidos por completo, os espíritos broncos da humanidade, as capas rêgras podem dar o ultimo grito de satisfação:

—Acima pela capa e batina.

De V. etc.

Armando da Silva Neves.

De Braga, chegou-nos uma carta assinada pelo nosso colega António Vaz Antunes, na qual pede que rectifiquêmos que, a Academia de Braga não reuniu para tratar exclusivamente do «uso da capa e batina», mas tendo reunido, tratou então dêste caso.

20:00 Este é o preço por que V. Ex.ª tem UMA CANETA com aparo de ouro 14 ku.

Havaneza de S. Domingos

15, Rua Barros Queiroz, 17

Concertam-se e vendem-se soltas todas as peças. Aparos, borrachas, tintas especiaes, etc. etc.

FRANCEZ

Dá lições

Em cursos de 2 alunos

35$00 por mez—Resposta

Rua Actor Taborda, 27-2-E

Especialização no ensino moderno de línguas

INGLÊS, ALEMÃO E FRANCÊS

Avenida da Liberdade, 224, 1.º Dt. LISBOA

Redacção e Administração:
Av. Almirante Reis, 121
DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ABEL DOS SANTOS
Redactor Principal—José Francisco Viegas
Comp. e Imp. na «Tipografia Aguedense»
Rua da Venda Nova—AGUEDA

ACADEMIA PORTUGUESA
FILIADO NO SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA
N.º avulso, $50—5 núm., 2$50—12 num., 6$00—25 núm., 12$00—52 num., 25$00

ENSINO LICEAL

Exames de admissão aos cursos superiores

Em Portugal há, desde longa data uma certa pretensão de medicar os males de que enferma o nosso ensino por meio de frases mais ou menos buriladas na folha oficial.

E' sabido de todos que a organização do ensino secundário, entre nós, não corresponde ao que era para desejar.

Por um lado temos a boa ou má organização dos programas, a sua constante variação, sobretudo; e por outro, às vezes uma má noção do ensino. Para demonstrar quão perniciosa têm sido essas alterações continuas de programas, essas reformas que nada reformam a não ser o agravamento da má disposição de professores e alunos, basta averiguar dos conhecimentos geográficos daqueles alunos abrangidos por um decreto que extinguia essa disciplina nos 4.º e 5.º anos; não é preciso mais que conversar um pouco sôbre história pátria com êsses alunos que começaram por aprender alemão e acabaram por não saber nem alemão nem latim. Infelizmente, isto de historia pátria, diga-se de passagem, para a grande maioria dos alunos que passam pelos liceus, é luxo ignorá-la.

Outro mal, que advem da mutabilidade constante de programas, é o de ficarem por explicar e por estudar muitos capítulos, que pela reforma x pertenciam a um dererminado ano e pela reforma y ou z passaram a fazer parte do ano anterior ou do subseqüente. Deu-se êste facto algumas vezes enquanto freqüentei o liceu e em várias disciplinas, onde, se assuntos de menor importância foram passados quasi em claro, outros houve, como por exemplo na disciplina que mais descurada tem sido, sempre, em quasi todos os liceus—o português—partes houve, dizia eu, em que, apesar da sua importância capital, nem sequer se falou. Não será uma vergonha ver alunos em cursos superiores sem jámais terem lido trechos de autores clássicos? E quantos não haverá desconhecendo as mais elementares regras de gramática, a ortografia, etc?!

De quem é a culpa? Em grande parte dessa alteração de programas.

São os professores, ou melhor, alguns falsos mentores da instrução que ainda se encontram nos liceus, os maiores culpados da ignorância de muitos sectores das letras e das ciencias, por parte desses alunos que tiveram a infelicidade de caír nas mãos de tais mestres.

Eu fui vitima de uma má instrução. Foram-na aqueles que comigo ouviram quasi sempre as suas explicações.. de marcação de lições. E são-no muitos outros infelizes que passam pelos liceus onde êsses pseudo-educadores existem.

Presumo que isto venha a ser lido por algum desses professores; se fôr falso o que afirmo, eles que me desmintam com argumentação.

E' uma verdadeira lastima. Pois quê! compreende-se lá que um aluno freqüente sete anos o liceu e daí saia depois de ter feito meia duzia de exercícios de redação, durante todo esse tempo?!

O que sucede com o português, dá-se com o latim, a física, a história. Mas que barbaridade fazer ler compendios de historia universal a estudantes que ignoram os factos mais notaveis da nossa! —o que sucede com estas discíplinas, observa-se noutras e em qualquer liceu.

São por um lado os causadores deste caos a alteração constante de programas como disse e por outro, a incuria d'alguns professores e a sua adaptação incondicionada a esses programas.

E não menos certo é tambem que muitos meninos vão freqüentar o liceu e depois as faculdades com os olhos apenas postos nas lindas letras que os cognominarão de bachareis e doutores.

Para quê saber que 3 x 9 são 27 e porque são?

Que lucro eu saber que houve um Marquez de Pombal e que fez isto ou aquilo?! —dirão certos meninos enfatuados.

—Que me interessa isso? Já passou à historia!...—

Há muitos deste jaez. Mas ao lado destes há por esse Portugal além muitos rapazes com uma vontade de ferro para estudar, investigar.

O que é necessário é facilitar-lhes o ingresso nos cursos que por ora são apanágio dos ricos ou remediados.

A selecção a que visam os exames de admissão, agora decretados, far-se-á pela preterição dos ineptos, desses tais que para lá vão roubando com o diploma. Abram-se escolas, dotem-se as existentes de Professores, mas professores,—condição "sine qua non„ o ensino não deixará de ser uma burla, desde o primário ao superior.

Boas escolas, melhores professores e todo o mal ficará remediado.

Proíba-se a entrada nos estabelecimentos de ensino a todo e qualquer cavalheiro que, só pelo facto de ostentar o rectangulo de cartão a que chamam diploma, se julga com o direito de desempenhar a mais nobre e espinhosa missão. Ser professor... E' o mais nobre papel que se pode desempenhar na Sociedade. Porém, não é para todos!

Aqueles que foram feitos para isso faculte-se-lhes o acesso à íngreme escada das ciências e das letras e toda essa série de diplomas reformadores passará a um plano secundário.

João M. Matos.

Febre da Malta

A festa de despedida dos quintanistas de Medicina realizou-se no dia 18 no Teatro Ginásio com a revista num prologo, 3 actos e 10 quadros «FEBRE DA MALTA». Uma casa cheia de raparigas e rapazes. Fatos de baile, casacas, capas e batinas e «smokings».

A récita terminou perto das três da madrugada. Nada faltou: graças, enganos, deixas atrazadas, entradas no palco fora de tempo, papeis mal sabidos... enfim, tudo que é costume nestas récitas e que os rapazes sabem sempre remediar. *T. F.*

Descobrimento da América

No último número do nosso jornal escrevi um artigo, muito pequenino, que intitulava «Refutando...». E, por serem pedidas mais informações continuo-o com muito agrado.

***

Na Exposição Colonial Internacional de Paris, em 1931, Portugal apresentou por iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa, um planisfério das grandes viagens e descobrimentos dos portuguêses. Figuravam em logar de primasia os dos Côrte-Reaes. E, referiam-se aos artigos publicados pelo prof. dr. Edmund Delabarre, da Universidade de Brown, na revista: Old-Time New England, em Outubro de 1923, no número 34, sôbre a *Pedra de Dighton*, (em que ainda não falei aos meus ilustres colegas), interessante afirmação secular, atestada por petroglifos da auctoria de Miguel Côrte-Real filho de João Vaz o descobridor da América Setentrional em 1472; e, que entre os indígenas, daquela região, foi Rei—Voluntate Dei Hic Dux Indorum—assim o atesta, largamente no seu livro denominado Pedra de Dighton o ilustre consul de Portugal, nos Estados Unidos da América do Norte, ao tempo, Dr. Gilberto Marques.

Sôbre o momentoso e oportuno assunto também poderemos recorrer à História da Colonisação Portuguesa do Brasil que não deixa de ser um belo e armonioso planisfério das grandes viagens dos nossos gloriosos marinheiros de antanho.

Salvador Gonçalves Zarco, que pseudónimo também usou, manifesta e preclara demonstração de temeridade, não podia, não deve ter sido, certamente não foi, como os americanos, os dinamarquêses e francêses já muitas vezes o afirmaram: o descobridor, que os espanhois e os italianos querem dando-lhes as suas Pátrias, que **êle** tivesse sido. O verdadeiro nome do nauta a que a cima me referi é aquele que não tem Pátria, segundo alguns, e entre nós é conhecido por Cristovão Colombo!

António Ferreira de Serpa e Santos Ferreira, escritores que a êste assunto quizeram prestar a sua valiosa colaboração escreveram uma obra a que poseram como titulo o nome do pretenso descobridor.

E, mais se quizerem lhes posso dizer...

João Afonso Côrte-Real.

N. R. - Ao colega, da Faculdade de Ciências, que se interessou pelo assunto tem a bondade de nos escrever outra vez, para a Redação, porque a primeira carta perdeu-se, desconhecendo portanto nós o seu nome e morada ou telefone.